

# É Páscoa: a Esperança torna-se realidade!



"A firmeza produz a esperança" Rm 5:4

Equipa do Caderno de Oração  
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

---

Filipa Baptista  
Francisco Valles  
João Moreira  
Manuela Cerejeira  
Marta Luz  
Marta Valles  
Mónica Maruny  
Pilar Bazo (Missionária VDei)  
Paula Mourão  
Paulo Vieira  
Sofia Palminha  
Pe. Valter Malaquias  
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

---

Ana Maria Simões  
João Sabino  
Maria e Carlos Albuquerque  
Sofia Almeida  
Susana Carreiro

Comentários e sugestões para:  
**cadernodeoracaovd@gmail.com**

## É Páscoa: a Esperança torna-se realidade!

### 4 | **INTRODUÇÃO**

#### **PARTE I | Páscoa**

- 10 Introdução
- 14 Páscoa da Ressurreição
- 18 2º Dom Páscoa
- 23 3º Dom Páscoa
- 27 4º Dom Páscoa
- 32 5º Dom Páscoa
- 36 6º Dom Páscoa
- 41 Ascensão do Senhor
- 45 Pentecostes

#### **PARTE II | Repensar a Pastoral da Igreja em Portugal**

- 50 Introdução
- 56 Repensar a Pastoral da Igreja em Portugal
- 75 Discurso do Papa Bento XVI
  
- 82 Próximas actividades da FaMVD

## "A chance de um cristianismo frágil"

Já escrevemos para o Caderno há tantos anos, já rezámos as mesmas leituras tantas vezes, e no entanto, sinto que a exigência é cada vez maior e a responsabilidade também.

Talvez pela aridez da minha fé nos últimos tempos, mas também por sentir que somos chamados a ir mais longe e que o Senhor nos chama a testemunhar de outra forma, mais adequada aos tempos que vivemos aqui e agora. Se o nosso testemunho é repetitivo, de pouco pode servir... Concentrarmo-nos em quem temos diante de nós é vital antes de partilharmos o que vivemos/rezamos.

Esta semana, no final de uma aula de ginástica, o professor sugeriu-nos irmos a uma aula no domingo às 10.30, ao que eu respondi:

- Não posso porque é à hora da missa.

Depois de uma gargalhada geral, o professor insistiu e eu respondi:

- Não posso mesmo. É quando estou com a minha família e vamos os 5 à missa que é melhor para as crianças, que é a essa hora...

Escusado será dizer que já não se calaram a gozar comigo.

Mas este caso não tem a ver só com o ambiente agnóstico de um ginásio porque das 15 crianças a quem dou catequese, só 3 ou 4 é que vão todos os domingos à missa...

Por isso penso, antes de escrever esta introdução, o que é que está a faltar na nossa vivência de fé?

Que testemunho podemos dar que nos ajude a precisarmos cada vez mais de Deus nas nossas vidas?

E no caderno da Páscoa, em que celebramos a Ressurreição de Jesus, como testemunhar que Cristo está vivo...?

O Pe. João Resina explicava no seu livro “A Palavra no tempo” que “o Senhor ressuscitado é o mesmo, mas doravante só se deixa reconhecer na fé. A fé é preparada pela procura sincera, pela meditação da Escritura, pela caridade fraterna, pela oração e vai culminar na Eucaristia. Àquele a quem foi dado estar na fé pode ser dado ou não ver o Senhor com os olhos da carne. Pouco importa, sabe que Ele está para sempre consigo.”

Lembro-me de, no fim-de-semana em que me converti, chorar várias vezes comovida com a partilha das outras pessoas, quando falavam de como gostavam de Deus, como lhe estavam agradecidas por tudo o que tinha feito por elas. Lembro-me de chorar comovida porque também eu gostaria de sentir o mesmo...

Hoje, passados muitos anos, vejo-me com muito menos força na fé, menos radicalismo no testemunho de Deus, mas esse amor à primeira vista que senti, nesse fim-de-semana, pelo Senhor, não desapareceu. Continuo a sentir a sua presença nos mais pequenos pormenores, nas pessoas mais simples, nas situações de maior dor, nos momentos mais difíceis e principalmente na natureza. Sei que, há muito tempo, não vejo “com os olhos” o Senhor, mas tenho a certeza que Ele está... aqui e agora!

Numa entrevista de Maria João Avillez a Tolentino Mendonça em Dezembro 2009, lia-se o seguinte:

***É excessivo dizer que o povo cristão se sente ameaçado, humilhado? Que há quem o olhe quase já como uma minoria que tem de pedir desculpa, justificar-se e explicar-se? Há uma guerra religiosa no horizonte, ou mesmo já iniciada.***

*O cristianismo atravessa uma estação de turbulência, no embate deste processo - em grande medida ainda em curso - de recomposição dos itinerários da humanidade e*

*também dos da crença. Há indicadores que atestam uma erosão: a diminuição da prática religiosa e do número dos que se declaram cristãos; a fragilização da presença do religioso no espaço público; uma certa desqualificação cultural que hoje rodeia o cristianismo (é isso, como se o homem de fé tivesse de explicar-se para o ser); o reforço de uma militância anti-religiosa que se vê, por exemplo, na ideia avulsa de que as religiões são responsáveis pela violência que grassa no mundo ou na acusação de que os textos sagrados judaico-cristãos são um catálogo de intolerância e barbárie...*

***Então a minha pergunta faz sentido...***

*Mas, por outro lado, o cristianismo, graças a Deus, venceu a tentação de declarar inimigos. O cristianismo não tem inimigos. Os seus inimigos são a fome, o sofrimento, as injustiças e desigualdades, a ausência de sentido... Gosto de pensar no título de um livro de Albert Rouet, antigo bispo de Poitiers: "A chance de um cristianismo frágil." Estes tempos representam também uma oportunidade para o cristianismo reencontrar o seu rosto mais autêntico, mais profético. Talvez sejamos menos, mas temos o dever de ir mais fundo. Talvez sejamos mais pobres, e isso nos conduza a um estilo mais essencial e evangélico. Talvez tenhamos de deixar de ser a massa para redescobrirmos que a missão dos cristãos é ser criativo fermento."*

É verdade que no mundo em que vivemos a força e o poder são as características que se valorizam, mas é mais verdade ainda que a humildade e a "pobreza" (no sentido do esvaziamento do que é acessório e não essencial) são a maior prova da presença do Senhor nas nossas vidas... por isso, quem sabe, não é "a chance de um cristianismo frágil" que nos pode salvar a todos...!!!

## O Jesus que trago junto do coração

*O Vítor é um "moedinha" que arruma os carros na minha rua. É pouco simpático, às vezes até arrogante e malcriado, pede de comer, e se chego lá baixo 5m mais tarde do que combinei ele desapareceu, amuado. Dorme na rua e tem um aspecto sujo e doente. Drogado, não consegue sair do vício. Combinei com ele que quando quiser ajudo-o.*

*Há uns dias mandou-me dizer por um dos meus filhos que fazia anos. Arranjei umas calças e uma camisola e resolvi escrever-lhe uma carta que embrulhava um crucifixo. Nela dizia que rezava por ele e que Jesus o amava muito mesmo com a vida complicada que levava. Quando cheguei lá baixo com o saco já tinha desaparecido. O costume... Consegui dar-lhe o presente só 2 dias depois.*

*Ontem pediu-me jantar e calhou bem porque tinha ainda o resto do nosso quente de maneira que demorei pouco tempo a ir. Quando cheguei lá baixo recebeu-me com um sorriso que nunca lhe tinha visto - lindo, iluminado, transformava-lhe a expressão. Disse-me: "muito obrigada pelo presente que me mandou pelos meus anos". "as calças e a camisola?" perguntei contente por ele ter gostado de alguma coisa uma vez na vida, e aliviada porque sabia que estava à espera que lhe desse dinheiro, que nunca dou. "Não, não, do Jesus que me deu e que trago aqui junto do coração" e encostou a mão ao peito feliz.*

*Fiquei tão feliz e emocionada... E pensei: o que terá este rapaz de recordações de religião da sua infância? O sorriso dele era genuíno e a mão pousada no coração era como quem esconde um tesouro...*

*Aleluia!*

**Teresa Olazabal**



parte I

Páscoa

## A Ressurreição está na Cruz

Nunca tinha estado com um grupo tão variado: éramos 30 a participar no curso, com 17 nacionalidades diferentes. Era uma alegria estarmos juntos, e ao apresentarmo-nos “eu sou de ... e eu de ...”, quanta riqueza junta! A experiência parecia que iria ser fantástica.

Os quinze dias de curso começaram com um retiro: Boa! Era uma forma de me acalmar, de deixar para trás muitas coisas e as preocupações e de me centrar no que ia viver.

Fiquei surpreendida com a forma como o Padre começou a primeira palestra: mostrou um mapa da América cheio de cruces, todas variadas, todas diferentes mas todas com a forma de cruz.

“Cada um carrega a sua cruz e os povos também carregam a sua” diz o Padre. Porque é que neste dia, que prometia tanto, começámos com este tema da Cruz? Por um instante, senti como que uma vertigem de angústia, de preocupação, de impotência... senti a responsabilidade de mudar a situação, mas são tantas e tantas cruces que é impossível fazê-lo!

Senti o desejo de meter a cabeça num buraco e deixar de ver, de sentir e de experimentar a cruz. Eu queria viver nesses dias de curso outra realidade, tinha expectativas diferentes, ia à procura de uma outra vivência, mas o Senhor tinha preparado este momento de encontro com a cruz, e eu não podia fugir.

Se calhar o melhor era olhá-la de frente, ainda que a minha tentação fosse voltar a minha cabeça e contemplar tanta beleza que havia à minha volta.

Rezei com o mapa na minha cabeça, olhei para todas aquelas cruzes e nelas encontrei Jesus: afinal as cruzes não estavam vazias! Ali estava alguém e foi com este Alguém com Quem me encontrei e com Quem comecei a falar. Perguntei-Lhe: porque é que num dia tão alegre e com tantas expectativas novas, me queria falar desde a cruz? Disse-Lhe que não me parecia o lugar mais adequado.

A nossa conversa levou-nos a falar da vida, de onde pomos os alicerces dela, onde estão as nossas seguranças, de onde nasce a nossa alegria; o que é que produz em nós esperança, que queremos dizer quando expressamos “estou na glória”. Eu continuava olhando para as cruzes e pouco a pouco sentia-as transformadas em fortaleza frente às dificuldades, em segurança perante a fragilidade, em veracidade de sentimentos, em autenticidade de entrega. Pouco a pouco sentia que das cruzes brotava vida, fecundidade, alegria, amor extremo, energia e coragem para defender o fraco; contagiavam desejos de um mundo melhor, mais fraterno, no qual damos a vida uns pelos outros para todos terem vida!

Aquele madeiro preto, o madeiro da cruz, começou a gerar vida em abundância, como prometido por Jesus: “quero que todos tenham vida e a tenham em abundância”- o madeiro converte-se em árvore da vida; a morte passou a ser ressurreição.

A minha alegria foi grande quando no tempo da partilha todos falámos mais da Ressurreição do que da cruz, todos tínhamos visto a esperança de vida que há na humanidade. Vida conquistada na cruz mas que não fica crucificada, a vitória e a Ressurreição para todas as pessoas e para todos os povos da Terra.

Isto que vivi há um mês atrás e o que celebramos na Páscoa, é o triunfo da vida com MAIÚSCULAS, a vida que jamais morre porque é a vida de Jesus que ressuscita em nós.



## Um grito de Ressurreição

*Queridos irmãos e irmãs,*

*Pregado na cruz, Jesus lança este grito: «Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?» No momento extremo da sua rejeição pelos homens, Ele reza, deixando transparecer tanto a solidão do seu coração como a certeza da presença do Pai, a quem reafirma plena adesão aos seus desígnios de salvação da humanidade. Mas, como é possível que Deus não intervenha para libertar o seu Filho desta prova terrível? É importante compreender que a oração de Jesus não é o grito de um desesperado, que se sente abandonado. Mas, ao rezar um salmo de Israel - as palavras referidas são o início do salmo 22, Jesus toma sobre Si o sofrimento do seu povo e de todos os homens oprimidos pelo mal e leva-o até ao próprio coração de Deus, seguro de que o seu grito será atendido na ressurreição. Enfim Jesus vive o seu sofrimento em comunhão connosco e por nós; é um sofrimento que brota do amor e, por isso, já contém em si a redenção, a vitória do amor.*

**Resumo da catequese da Audiência do Papa Bento XVI em 8-2-2012**

## Ressurreição, o fim de um caminho?

- Act 10,34.38-43 «Portanto, já que fostes ressuscitados com Cristo, procurai as coisas do alto, onde está Cristo, sentado à direita de Deus. Aspirai às coisas do alto e não às coisas da terra. Vós morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, a vossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com Ele em glória.» Cl 3, 1-4
- Sl 117, 1-23
- Cl 3,1-4
- Jo 20,1-9 «No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro, e viu retirada a pedra que o tapava». Jo 20, 1

**A Ressurreição, uma festa precedida de todo um caminho.**

**Deus Pai não quer a morte, quer a vida, e não poupa o seu filho da morte para poder oferecer-nos a vida.**

**Viver a Ressurreição não é uma atitude conformista e passiva, exige-nos um compromisso pela esperança e pela vida e uma luta real e concreta por todas as causas que produzem a morte.**

**N**ão podemos entender este Domingo de Páscoa sem ter vivido a Vigília Pascal de ontem à noite.

Como é possível passar da Sexta-feira Santa, dia triste, austero, com uma celebração séria e cheia de dor para um dia luminoso, alegre, de canto de glória, dia de vida?

O que se passou entre a sexta-feira e o domingo? Passou-se um dia, um sábado, uma noite, mas não uma noite qualquer, foi uma noite mágica, a noite das noites, a noite da Vigília Pascal onde vivemos a Ressurreição do Senhor!

A celebração de hoje, Domingo de Ressurreição, é uma consequência, celebramos o que vivemos na noite do sábado.

Para me situar bem, vou começar por ler as leituras da Eucaristia do sábado à noite, vou fazê-lo devagar, pouco a pouco. São muitas, do Antigo e do Novo Testamento, são leituras que contam a história de um povo. Um povo que caminha, que procura, em luta, não resignado, que acredita e duvida, que sempre deseja ir mais além, ainda que com a tentação de instalar-se, com esperança, vivendo momentos de dificuldade, de deserto, de sterro e morte mas sempre amando a vida e procurando uma terra prometida.

Porquê todas estas leituras para chegarmos à narração da ressurreição de Jesus? Parece um retorno, um memorizar e alicerçar, como é necessário: para todos vermos o culminar de um processo de história de Salvação.

Jesus na sua paixão tem um momento que diz: tudo está cumprido. Certamente pela sua parte isto é verdade, mas não da parte do Pai que, ainda que não evite a entrega do seu filho, não pretende que o seu projeto termine na morte, mas

sim na Ressurreição e na Glória. Parece que na morte de Jesus podemos aplicar o texto de Paulo: “Tudo acontece para o bem dos que Ele ama”.

Jesus, aceitando a morte como consequência da sua forma de vida, recebe como recompensa a Vida para sempre; recebe a Glória que é a terra prometida, procurada pelo povo do Antigo Testamento e que Jesus ganha para todos.

Quando as mulheres vão ao sepulcro para cumprir com as regras e costumes da morte, encontram a lei da VIDA, e se nesse momento recordam a história do seu povo podem ver cumpridas as promessas feitas a Abraão e aos seus pais, e com certeza podem dizer, que razão tinha Jesus! quando falava de que tinha vindo para nos dar vida e esta em abundância (Cfr Jo).

Celebrar a Ressurreição tem que ser para todos nós algo mais que uma festa bonita, mais que um tempo litúrgico, e antes de tudo e mais que tudo, tem que ser aceitar e viver segundo o Projeto de Vida que Deus tem para todos os homens e mulheres de todos os tempos, que não é outro que aderir à vida e lutar contra qualquer causa de morte que ameace a humanidade.

Não esqueçamos que por pequeninas que sejam as mortes, são injustas e não queridas por Deus, por isso o nosso compromisso de ressuscitados tem sempre que ser pela vida e para a vida em todas as suas diferentes concretizações.

*“Os meus caminhos são mais altos que os vossos” diz-nos o Senhor através do Profeta Isaías. É verdade que as vezes só vemos na nossa curta perspectiva e tudo é tão negativo! Mas se olharmos desde a perspectiva divina, tudo toma novas dimensões! Alarga-se a alma e mesmo que o sofrimento não desapareça, é visto com uma nova esperança.*

*Esta esperança alicerça-se na certeza da presença viva de Jesus. “Lá O vereis”! diz o jovem vestido de branco as mulheres.*

*Que mais precisamos para perder o medo e continuar com firmeza o nosso caminho?*

*Jesus, que eu possa ver-Te cada dia, fazer a experiência de que estás vivo, e que a tua ressurreição seja a grande força para poder viver também ressuscitada, sem medo, com confiança, com uma perspectiva nova sobre todas as coisas!*

### **Reflexão de Domingo de Ressurreição, Agenda Verbum Dei 2012**



## Uma fé maior, uma vida mais abundante

Act 4, 32-35; Ao anoitecer daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas todas as portas do lugar onde os discípulos se encontravam, com medo das autoridades judaicas, veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse-lhes: “A paz seja convosco”. Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o peito. Os discípulos encheram-se de alegria por verem o Senhor. E ele voltou a dizer-lhes: “A paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós.” Em seguida soprou sobre eles e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoares os pecados, ficarão perdoados; aqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos.” Tomé, um dos Doze, a quem chamavam o Gémeo, não estava com eles quando Jesus veio. Diziam-lhe os outros discípulos: “Vimos o Senhor” mas ele respondeu-lhes: “se eu não vir o sinal dos pregos nas suas mãos e não meter o meu dedo nesse sinal dos pregos e a minha mão no seu peito, não acredito.”

Oito dias depois estavam os discípulos outra vez dentro de casa e Tomé com eles. Estando as portas fechadas, Jesus veio, pôs-se no meio deles e disse: “A paz seja convosco!”. Depois dirigiu-se a Tomé: “olha as minhas mãos: chega cá o teu dedo! Estende a tua mão e põe-na no meu peito. E não sejas incrédulo, mas fiel.” Tomé respondeu-lhe: “Meu Senhor e meu Deus!” Disse-lhe Jesus: “Porque me viste, acreditaste. Felizes os que crêem sem terem visto!”

Jo 20, 19-29

- Deixo que a presença de Deus na minha vida, faça crescer a minha capacidade de amar, de perdoar, de ter esperança em mim e no mundo?

- Tenho experiência, na minha vida, de que a relação com Deus faz surgir em mim o melhor?



São muitas as minhas crises de fé, de paciência, de tolerância, de esperança... mas são também muitos os momentos em que me sinto profundamente chamada e comprometida a construir uma realidade mais fraterna, a amar mais os outros, vendo todo o seu potencial. E nesses momentos em que me sinto em harmonia com o amor de Deus, habita em mim um profundo sentimento de paz!

Mas não chega ficar pelos chamamentos e pelos sonhos. A grande sabedoria do amor de Deus é viver e “obedecer às suas leis” e a felicidade e a plenitude passam por uma sucessão de pequenos “SIMs” e concretizações. Assim, cada vez tenho uma maior convicção de que a vida não se improvisa e precisamos de saber o que queremos viver, qual a vocação a que somos chamados. No entanto, acredito também que é na resposta às solicitações e circunstâncias da nossa vida que vamos concretizando o projecto de vida. “Responder à vocação poderá passar por deixar uma realidade, um modo de vida (...) para aceitar uma proposta confiados numa promessa (...) um caminho feito de etapas e opções concretas e não de ideias” (Raquel Palma).

Tal como Tomé, não me chega o que os outros me dizem. A experiência de Deus na minha vida é fundamental, pessoal e profundamente marcada pelos muitos gestos de generosidade e bondade que a relação com Deus, a vivência numa comunidade de fé, faz desabrochar em mim. Acredito

que o Deus de Jesus nos chama a uma vida plena e feliz e são muitos os momentos em que, desde a oração, Deus faz surgir em mim o melhor! É fácil ficar perdido na superficialidade, nas exigências profissionais e sociais e esquecer o projecto de vida a que somos chamados. Por isso, esta Quaresma quero fazer, consciente e autenticamente, um caminho de discernimento e oração, estar em sintonia com este Amor que acredito ser resposta para a minha vida e para o Mundo.

Em que é que está alicerçada a minha fé? Nesta Quaresma olho para a minha história com Deus e apercebo-me que é profundamente marcada pelas vidas daqueles que são para mim referências, pedras basilares da minha formação pessoal. É impressionante como aqueles que mais marcaram a minha vida foram pessoas genuinamente boas e orientadas para o bem comum. Aqueles que tiveram a sabedoria de não ficar pelas intuições, mas souberam concretizá-las, apesar das dúvidas, das limitações, das inseguranças e das incertezas. São profundamente inspiradoras as vidas marcadas por Deus! É bom poder recordar estas pessoas que são na minha vida presença e concretização do amor de Deus. Também eu quero fazer parte deste grupo de pessoas que vive a convicção de um bem maior – procurar viver a minha vida com uma intencionalidade concreta – amar, optar, relacionar-me ao estilo de Jesus. “Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós” (Jo, 20). Estou disposto a isso?

*Imaginemos esta cena cheia de poesia, própria de uma tarde ainda de Verão. Jesus passeia ao longo do mar. Estão dois irmãos que se preparam para pescar. Algum fascínio mútuo há... e, assim sem mais, chama-os; e ainda não havia tempo de trocar palavras, encontram outros dois irmãos, com o pai, que consertam as redes. «Sigam-Me, que farei de vós pescadores de homens! E eles, deixando as redes, o barco e o pai, seguiram-No».*

*É Jesus, pescador, que os pesca a eles: arranca-os dos seus mares naturais, das habituais profissões, para os fazer experimentar outras águas, outras medidas... para fazer deles «pescadores» que buscando outras pessoas as arranquem à mediocridade, ao sofrimento ou às grandezas comuns, e lhes abram novos horizontes.*



*Ao deixar redes, barco e pai, não perdem, mas encontram novas, mais alargadas e profundas dimensões do que eles próprios são e fazem. «Novas redes», novo trabalho: uma profissão redimensionada, de alcance mais vasto e mais humano.*

*«Novo barco», novas viagens: uma maneira de estar e se mover de horizontes rasgados. «Novo pai», novas relações: uma família humana de laços sem raça nem fronteira, assente no amor de Deus.*

*Jesus pesca-nos para redimensionar e transfigurar aquilo que somos: médicos das almas, engenheiros do reino, pastores do povo, semeadores da Palavra, agricultores da vida, advogados do espírito, porta-vozes dos sem voz, propagandistas da paz, atletas da justiça, projectistas das bem-aventuranças, químicos da esperança, administradores da graça, economistas da salvação, educadores de virtudes, artistas da perfeição interior, pedreiros da solidariedade, arquitectos do sentido, oleiros da personalidade, pescadores do humano.*

*A vocação não vem destruir gostos e aptidões; vem lançar-nos no outro lado, mais vasto e mais profundo, da Vida.*

**Vasco Pinto Magalhães, in Vocação e vocações pessoais**

## Ter fé na Ressurreição

- Act 3, 13-15. «Em paz me deito e adormeço tranquilo, porque  
17-19; só Vós, Senhor, me fazeis repousar em  
segurança.» Sl 4, 9
- Sal 4, 2. 4. 7. «A paz esteja convosco.» Lc 24, 36  
9 «Espantados e cheios de medo, julgavam ver um  
espírito.» Lc 24, 37
- 1 Jo 2, 1-5a «Sou Eu mesmo.» Lc 24, 39  
«Vós sois as testemunhas destas coisas.» Lc 24,  
Lc 24, 35-48 48

**A Fé é dom de Deus, mas, ao mesmo tempo, resposta do homem.**

**E**stamos tão habituados ao racionalismo científico contemporâneo, sólido e metodicamente construído sobre evidências, que, frequentemente, queremos usá-lo em TUDO na nossa vida. Contudo, uma abordagem à compreensão do mistério da ressurreição exclusivamente por este caminho feito de um forma técnica revelar-se-á tão infrutífera como tentar explicar a alguém o que é a amizade ou o amor recorrendo a tubos de ensaio.

A ênfase dado no Evangelho à realidade corpórea de Jesus Cristo ressuscitado é, no mínimo, incómodo à nossa maneira de pensar mas visa sobretudo salientar que em Jesus Cristo a ressurreição é TOTAL. Não se trata de algo apenas espiritual, aliás, o conceito dual de ser espiritual/alma e ser animal/corpo parece não se opor na cultura hebraica. Cristo mantém a sua identidade na íntegra após a ressurreição: “Sou Eu mesmo.”

Para os apóstolos a experiência da ressurreição de Jesus também não foi óbvia. Algumas vezes apesar de O verem não O reconheciam fisicamente ou, reconhecendo-O fisicamente, “espantados e cheios de medo, julgavam ver um espírito”.

Pelos evangelhos entende-se que a realidade da ressurreição não é tanto um fenómeno para ser testado mas sim a presença metafísica de Jesus experimentada em intimidade por quem O conhece e guarda os seus mandamentos. “Se alguém guardar a Sua palavra, nesse o Amor de Deus é perfeito.”

Como é a ressurreição? Não sei! Não sabemos a forma nem a física e por isso estamos perante um mistério de fé e não uma evidência. Não tive ainda a sorte de experimentar Jesus ressuscitado de forma igual à dos discípulos mas experimento as mesmas dúvidas que eles tiveram. Mesmo que tivesse a sorte de “ver” Jesus ressuscitado muito provavelmente não o reconheceria, como aconteceu com os discípulos, embora o conhecessem tão bem.

Não creio que Deus me peça para compreender a ressurreição. Com sinceridade, se fosse possível compreender a ressurreição à maneira humana, não vejo como pudesse ser fonte de renovação e algo de salvífico para o homem, não seria antes viver mais do mesmo? Creio antes que Deus nos capacita com o dom da fé para, através dele, começarmos já a preparar-nos e a viver dignos da glória da ressurreição que esperamos receber. E sim, a fé também é um dom! Exige o nosso esforço mas não é algo que consigamos manter apenas com as nossas forças.

Somos então convidados a receber esta fé e, com ela, a acreditar no testemunho deixado pelos discípulos e na experiência que viveram. A fé é isso mesmo, aceitar algo que não posso escrutinar aos meus critérios, que não posso compreender bem; algo que é um mistério e não uma evidência; é confiar sem ter tudo explicadinho; e, pela fé que tenho, sou também convidado a ser testemunha.



- Como recebo o testemunho que me foi transmitido desde os apóstolos?
- Aceito os mistérios de Jesus, caminhando na fé, ou procuro moldá-los aos meus critérios?
- Que testemunha sou da fé que professo?

Ajuda-me, Senhor, a ser humilde e simples para aceitar com o coração aquilo que jamais poderei compreender com a cabeça. Não permitas que caia na superstição nem na incredulidade.

Que eu seja exemplo e manifeste a alegria da novidade que é a ressurreição, pela maneira como vivo o meu dia-a-dia.

*«Uma das grandes questões na expansão do cristianismo é a explicação do conceito de ressurreição que partiu de uma língua hebraica/aramaica que é feita por sinais globais, e teve de encaixar numa cultura grega que já nessa altura era altamente filosófica e lógica ( não se esqueçam que Platão já dava cartas com toda a sua lógica), e depois ainda teve de encaixar numa língua latina toda juridicista e pragmática. Imaginem a dificuldade de explicar o que é viver outra vez, não em espírito (como dizia o Tao), não é uma alma que migra (como dizia Platão e o oriente), mas é todo o ser da pessoa que vai viver outra vez, de uma outra forma.*

*A evolução desse conceito levou toda a filosofia ocidental até ao séc. XVIII a reflectir a questão de quem é a pessoa e leva-nos hoje ainda a discutir se começo a ser pessoa dentro da barriga da mãe, no acto de concepção ou depois de ter nascido. Ou até, se sou pessoa só enquanto sou útil ou, velho e dependente, continuo a ser pessoa.*

*Esse conceito de pessoa integral foi uma conquista desta reflexão cristã sobre “o que é o homem?” A carne e o espírito que o anima? O amor com que vive? A sua construção de consciência?»*

### **Helena Presas**

*«É como se, frente a certas manifestações exteriores à nossa experiência, os nossos sentidos fossem insuficientes para apreendê-las e nos abandonassem, quais instrumentos inúteis e, em seu lugar, surgisse antes, uma capacidade de entender e de sentir completamente nova, que estava sepultada dentro de nós, mas que sempre possuíramos.»*

### **Ferruccio Parazzoli, em O homem Jesus**

## É o Senhor que nos chama, é o Senhor que nos dá o verdadeiro nome!

- Act 4, 8-12; «(...) não há debaixo do céu qualquer outro nome, dado aos homens, que nos possa salvar.»  
(Act 4, 12)
- Sal 117, 1 e 8-9. 21-23. «Eu sou o bom pastor. O pastor que dá a vida 26.28cd.29 (...)» (Jo 10, 11)  
«Conheço as minhas ovelhas e elas conhecem-me» (Jo 10, 14)
- 1 Jo 3, 1-2 «Ninguém me tira a vida, mas sou Eu que a dou livremente» (Jo 10, 18)
- Ev Jo 10, 11-18

**Posso seguir muitos caminhos, ser guiado por tantos “pastores”... a sociedade impele-nos muitas vezes para longe das pastagens que verdadeiramente preciso. Por que paisagens tenho seguido? Quais as paisagens que me fazem descobrir “o meu verdadeiro nome”, a descobrir-me, a potenciar-me?**

**Por quem me deixo guiar? O que busco no caminho que hoje sigo?**



o mundo não nos conhece, uma vez que o não reconheceu a Ele”. Descortinar este Deus que é Pai, e a Sua marca que é o Amor, no seio deste Mundo com realidades tão opostas, não é, de facto, uma tarefa fácil. Ou melhor, parece que nos habituamos a olhar para o que se passa no Mundo de uma perspectiva em que parece que só existe uma realidade de escuridão, sem sentido, marcada pela inveja, a violência, a desumanização. Treinámos ao longo da história os nossos sentidos para captarem o copo sempre meio vazio, situação que é hoje em dia constantemente alimentada pelos meios de comunicação social!

Descubro em mim, nos meus genes, na minha educação, em quase tudo o que me compõe, esta incapacidade para experimentar o otimismo, “o copo meio cheio”! A esperança espreita! Refiro propositadamente que descubro esta posição em quase tudo o que me compõe. De facto, venho a descobrir-me habitado por uma certeza de que tudo não é só negro e que o branco também habita na escuridão. Tudo o que não se vê, não é que não esteja lá presente. Está, sem se ver!

Experimento esta presença de Deus na minha vida. É também assim que vou reconhecendo Deus no Mundo, na nossa história. Presente, sem se impor, lançando um convite a todos nós, de forma fraterna e responsável, para que O tornemos sempre e cada vez mais visível. Como diz uma música: “Eu não tenho mãos mas conto com as tuas”.

É para mim um mistério a possibilidade de Deus operar na história da Humanidade de uma forma tão abrupta e radical. Mas há maior radicalidade (e generosidade) do que deixar essa tarefa, em grande, nas mãos de cada um de nós?!

Jesus aceitou totalmente este convite que o Senhor nos faz! Começou por O reconhecer no Mundo, reconheceu-O como Pai, próximo e o principal companheiro.

Jesus reconheceu-O como o Amor a que todos somos chamados a viver e levou isso ao extremo! Mas os homens do Seu tempo não o reconheceram... Passados mais de 2.000 anos, nós, homens e mulheres, do nosso tempo, reconhecemos este Deus que é Pai, Criador, que ama profundamente os seus filhos? Reconhecemos Jesus como irmão, que nos lança numa direcção, seguramente com consequências mas também com a promessa de felicidade?

Jesus encaminha-nos para o que fomos feitos! Por conseguinte, seguirmos neste caminho já é experiência de vida eterna. A experiência de felicidade não está guardada para a meta mas à espreita em cada passo!

Jesus oferece a Sua vida... oferece-nos a Sua vida! Que sentido poderia ser maior do que este?

Acontece-me tantas vezes entregar a vida ao emprego, às tentações, para ser melhor aceite em determinado núcleo ou ainda, simplesmente, ao comodismo... e assim, de facto, vou gastando a vida... E, com alguma desatenção e ligeireza, pode roçar-se a mediocridade.

O Senhor convida-nos, de facto, para o que é grande! Para o que nos enche o coração! Ninguém tem o poder de nos tirar a vida! Está também em cada um de nós, retomar, em cada dia, passo-a-passo, a vida que desejamos viver!

## Encontrar o nosso verdadeiro Nome

*Precisamos de quem nos aponte o Caminho... Mas é o contacto pessoal com Cristo que nos faz descobrir o nosso Nome.*

*João Baptista era um homem atento aos outros, pronto a anunciar a verdade que vê e a promover o futuro de cada um: um autêntico Profeta. Viu passar Jesus e apontou-O aos seus: «Vai ali o Cordeiro de Deus». Esta expressão fortíssima era como se dissesse: o teu libertador, aquele por quem sonhas, quem tem a chave da tua vida! «Então, dois dos seus discípulos seguiram Jesus».*

*Imaginemos a cena... Aqui começa a longa história de amizade. Jesus volta-Se: «— Que buscais?» Pois só quem procura encontra, e um homem sem desejo não é nada. Eles, de surpresa, responderam – e bem!: «— Onde moras?» Isto é: como vives, quem és, que nos ofereces? E, sabiamente, Jesus não responde com nenhum discurso, mas com um convite a experimentar: «Vinde ver», arrisquem. (Aliás só O conhece quem O segue). «Eles foram e passaram lá o dia todo». E não só isso... vinham de tal modo que «um deles, André, levou logo lá o seu irmão Simão»; e depois outros se seguiram. O encontro de Simão foi tal que veio com um nome: Pedra. É que a relação pessoal com Cristo dá-nos uma missão – um nome novo! Neste caso, que ele fosse «fundamento». Ora, é aqui que é preciso chegar na história de uma vocação: ao nosso verdadeiro Nome.*

*Tudo isto começou com aquele apontar que não foi imposição, nem empurrão indiscreto, nem muito menos manipulação. São precisos homens livres que chamem os outros a arrancar sem se intrometerem. Mas alguns, por falta de sabedoria e humildade, fazem com que se fique a olhar para o dedo deles em vez da direcção apontada.*

*Somos chamados para, por nossa vez, chamar. Assim começou o primeiro grupo e a Igreja, numa longa cadeia de chamados. Hoje faz falta quem venha ao encontro do nosso querer profundo e lhe abra o caminho, o resto é com o Senhor. Diz S. Paulo aos Romanos: como vão aderir se não ouvirem o apelo? E como podem ouvir se ninguém anunciar? Se já ouvi, porque não sigo? Se sigo, porque não chamo?*

*Livrai-nos, Senhor, dos «zelosos» que querem impor aos novos as «suas vocações», como dos «respeitadores» que nem disso falam. Mas dai-nos a sabedoria do velho Heli que soube criar as condições para pôr o jovem Samuel em diálogo aberto com o seu Senhor (1 Sam 3, 9).*

**“Vocação e vocações pessoais”, Vasco Pinto Magalhães, S.J., Ed. A.O.**

## Habitados por Deus!

Act.9, 26-31 “Meus filhos, não amemos com palavras e com a língua, mas com obras e em verdade ....

Sal. 21, 26-27;30. 31-32 Quem observa os seus mandamentos permanece em Deus e Deus nele. E sabemos que permanece em nós pelo Espírito que nos concedeu.” (1Jo3, 18-24)

1Jo3, 18-24

Jo 15, 1-8 “Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Eu sou a verdadeira vide e meu Pai é o agricultor. Ele corta todo o ramo que está em

Mim e não dá fruto e limpa todo aquele que dá fruto, para que dê ainda mais fruto. Vós já estais limpos, por causa da palavra que vos anunciei. Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim vós também não podereis dar fruto se não permanecerdes em Mim. Eu sou a videira, vós sois os ramos. Quem permanece em Mim, e Eu nele, dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15, 1-8 )

**Que confiança precisamos ter para Te reconhecer como o nosso “agricultor” – aquele a quem abrimos o coração, para reconhecer em verdade: o que deu fruto? O que é vida? O que é não vida?**

**“Permanecei em Mim” – o que posso fazer para permanecer? Para ficar contigo, com os meus irmãos?**

**E**sta semana em que estou a preparar as pistas tem sido difícil para mim. Houve muitas alturas em que desesperei, em que desisti, em que bloqueei a minha união com a videira... enfim! Mas o meu ponto de partida foi mesmo o surpreender-me com a confiança que precisamos ter neste Pai, que nos convida a abrir o coração, sem medo, para que, em sinceridade, com Ele possamos ver: o que deu fruto, o que “é para cortar”... o que é fruto, o que é ilusão? O que é vida, o que é não-vida?... que medo, ainda tenho de te abrir o coração, Senhor! Tu olhas-nos com verdade, com amor mas com verdade. E eu, sou capaz de me olhar com sinceridade?

Sou capaz de retribuir o Teu olhar? Sou capaz de Te olhar com amor, com tranquilidade, Senhor? Ou continuo com medo que “cortes” qualquer coisinha a que me apeguei?

Preparamo-nos para viver a Páscoa e interrogo-me o que é que esta quaresma já mudou em mim? Fui capaz de entrar no deserto e encontrar-me Contigo? Tenho experimentado que nem sempre vivo a Páscoa, que apenas me deixo ficar pelo Domingo de Páscoa e esqueço todos os outros dias. Depois... sinto que Tu nos convidas a abrimo-nos à vida – a uma vida com o Teu Espírito - e a deixarmo-nos habitar por Ti!... Para isso, tens-me dito constantemente “PERMANECE!”... permanece e não deixes para trás os frutos desta Quaresma! Permanece, fica ligado a mim!

“Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós” – no mundo de hoje, em que tudo acontece a cem à hora, Tu convidas-nos a permanecer, a ficar, a parar... Permanecer... ficar... Ficar com quem? Quem és Tu Senhor que me convidas a ficar? Que me convidas a ser ramo? A ser sombra e a dar fruto para

outros que precisem de descansar, que precisem de ajuda para carregar as suas cruzes...

Convidas-me a permanecer, para ser sinal de esperança, para ser a “luz ao fundo do túnel” para alguém, para ser aquele que escuta um familiar, um amigo ou um colega com problemas... permanecer... para ser alguém que traz conforto a quem já não tem esperança!



**PERMANECER!!** Ser fiel...a mim próprio, a este Deus que me convida a amar, a dar, a ser mais! Ficar mas dar um passo em frente! Arriscar amar e a ser diferente! Permanecer e ser maior, mais generoso. Permanecer, arriscar e ser mais fraterno! Deixar-me ser habitado por Deus!... e então, viverei verdadeiramente na Páscoa!

## Confia na Voz interior

*«Desejas realmente converter-te? Estás disposto a modificar-te? Ou continuas agarrado ao teu velho modo de vida com uma mão enquanto com a outra pedes aos outros que te ajudem a mudar?»*

*A conversão não é com certeza algo que possas encontrar por ti mesmo. Não se trata de um exercício da própria vontade. Tens que confiar na voz interior que mostra o caminho. Tu conheces essa voz. Ouve-la com frequência. Mas depois de ouvir com clareza o que ela te pede começas a fazer perguntas, a fabricar objeções e a pedir a opinião de todos. Assim deixas-te enredar por inúmeros pensamentos, sentimentos e ideias muitas vezes contraditórias e perdes contacto com o Deus que habita dentro de ti. E acabas por te tornar dependente de todas as pessoas que reuniste em torno de ti.*

*Só dando constantemente ouvidos a essa voz interior conseguirás converter-te a uma nova vida de liberdade e alegria.»*

**Henri Nouwen, em "A Voz Íntima do Amor"**

## "Amais-vos com Eu vos amei"

I Act. 10, 25-  
26.34-35.44-  
48

Salmo 97  
(98), 1.2-  
3ab.3cd-4

1Jo 4, 7-10

Jo 15, 9-17

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, assim como Eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor. Disse-vos estas coisas, para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa. É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. Já não vos

chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi a meu Pai. Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi e destinei, para que ides e deis fruto e o vosso fruto permaneça. E assim, tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo concederá. O que vos mando é que vos ameis uns aos outros». (Jo 15, 9-17)

**-O que é o Amor? Como amo?**

**- Quero amar como Jesus amou?**

**-Que frutos quero que dê a minha vida?**



evangelho fala-nos de Amor e nele Jesus pede-nos para permanecer no seu Amor para que a nossa alegria seja completa e dá-nos o seu mandamento “amai-vos como eu vos ame!”.

As questões que me surgem perante aquilo que vou vendo à minha volta é: O que é o Amor? Como amo?

Vejo tantos casais, tantas relações, onde era suposto haver compromissos de amor e o que há disfarçado de amor é egoísmo, é viver em função de si próprio sem ser capaz de se pôr na pele do outro, sem se preocupar se o que se faz (saiba-o o outro ou não) o magoa. Tanta falta de sensibilidade e delicadeza para com o outro...!

E nas alturas de conflito, o que se diz ao outro é só por necessidade de deitar cá para fora ou porque vai ajudar a construir a relação?

Jesus diz-nos que a nossa felicidade passa pelo amor mas Jesus não termina aí. Ele diz-nos que tipo de amor: o seu amor. O amor com que fomos amados por Deus - a fasquia é alta, mas Jesus também diz para permanecermos no seu amor antes de nos desafiar a amar; a permanecer nesse amor com que nos ama, a encher o nosso coração aí.

E, cada vez mais, vejo que é impossível amar sem encher o coração no Senhor... Se não nos enchemos nele, surge o cansaço, a irritabilidade, a desesperança...

E o amor que Jesus nos chama a viver é esse amor com a sua qualidade de amor que celebramos esta Páscoa: um amor que vai até ao fim, que se dá sem esperar frutos (os discípulos tinham-no acabado de abandonar na altura da sua

morte)... uma entrega gratuita na certeza de que no amor nada se perde; o que se ama poderá sempre dar frutos!

Um amor assertivo, que marcou limites, que disse a verdade - porque amar é fazer com que o outro cresça e vá mais longe e para isso é necessário um amor firme e ilimitado.

Jesus repete-nos duas vezes: “que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei...” Ora, quando repetimos algo é porque é o fundamental e não podemos esquecer ou não queremos que outros esqueçam... Este é o desafio que, hoje, Jesus nos lança!

Jesus também diz que nos escolheu e nos destinou para darmos fruto e para que o nosso fruto permaneça. A que fruto se refere Jesus? Que fruto quero que dê a minha vida?

Jesus destina-nos a dar um fruto que permaneça. Que fruto é esse?

Quais são as minhas escolhas e opções? São elas guiadas pelo fruto que quero que a minha vida produza?

Senhor, que possamos caminhar pela vida, com a certeza de Te ter, como prometeste, como amigo ao nosso lado, a partilhar connosco tudo o que recebeste do Pai. Que nós possamos caminhar, partilhando também contigo a nossa vida, gratos pelo Teu amor, capazes de discernir, no meu dia-a-dia, nos meios onde me movo, como amar com a qualidade do teu amor? Como posso fazê-lo, nas circunstâncias concretas da minha vida?

## Ama em profundidade

*«Não hesites em amar e amar profundamente. Talvez receies o sofrimento que o amor profundo pode causar. Quando aqueles que amas profundamente te rejeitam, abandonam ou morrem, ficas com o coração despedaçado. Mas que isso não te impeça de amar em profundidade.*

*O sofrimento que provém do amor profundo torna o teu amor ainda mais profícuo. É como uma charrua que rasga o solo para permitir à semente ganhar raízes e tornar-se numa planta forte.*

*Sempre que experimentas a dor da rejeição, da ausência ou da morte, enfrentas uma escolha. Podes tornar-te amargo e decidir não amar de novo ou podes enfrentar a tua dor com bravura e deixar que o solo em que permaneces enriqueça e seja capaz de dar mais vida a novas sementes.*



*Quanto mais tiveres amado e permitido a ti próprio sofrer por esse amor, tanto mais capaz serás de deixar o teu coração alargar-se e aprofundar-se.*

*Quando o teu amor é verdadeiramente generoso e recetivo, aqueles que amas não deixarão o teu coração mesmo quando se afastam de ti. Tornar-se-ão parte de ti, construindo então uma comunidade dentro de ti.*

*Os que amaste profundamente tornar-se-ão parte de ti. Quanto mais longa for a tua vida tantas mais pessoas terás para amar e para fazer parte da tua comunidade interior. Quanto mais vasta se tornar a tua comunidade interior tanto mais fácil será reconheceres os teus próprios irmãos e irmãs entre os desconhecidos que te rodeiam. Os que estão vivos dentro de ti reconhecerão os que estão vivos à tua volta. Quanto mais vasta a comunidade do teu coração tanto mais vasta a comunidade que te rodeia. Assim, o sofrimento causado pelo desprezo, pela ausência e pela morte pode tornar-se frutífero.*

*Sim, à medida que amas profundamente, o solo do teu coração rasgar-se-á cada vez mais, mas regozijar-te-ás com a abundância dos seus frutos.»*

## **AMA EM PROFUNDIDADE - Henri Nouwen**

## Um anúncio com o coração

- Act 1,1-11 «Apareceu, finalmente, aos próprios Onze quando estavam a mesa. E disse-lhes: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for baptizado será salvo, mas, quem não acreditar será condenado»
- Sl 46,2-9
- Ef 1,17-23
- Mc 16,15-16
- Mc 16,15-20

**Hoje celebra-se o Dia Mundial das Comunicações Sociais.**

**Os meios e os métodos não podem ser mais importantes que a notícia, ajudam mas não são o todo...**

**A notícia a comunicar é a Boa Nova. Vamos falar de Jesus de Nazaré e só podemos falar dele se falarmos com Ele.**

**Se O conhecermos e, se ao conhecê-Lo, O amarmos e nos sentirmos profundamente amados. Se acreditarmos que isto é o melhor que nos aconteceu na vida e que não o podemos guardar só para nós. É então que o queremos comunicar e procuraremos a melhor forma, meios e métodos para o fazer.**



o procurar as leituras deste domingo, a primeira que encontro é o título da celebração: “Domingo das Comunicações Sociais”. Eu sabia disto, mas não é um assunto sobre o qual me tenha detido a pensar.

Hoje, de forma especial, fiquei presa a este título. Se calhar porque Deus me tem sensibilizado, através de muitos detalhes e de pessoas, da importância dos meios de comunicação.

Ao ler as leituras e o evangelho proposto para este domingo, vejo que as técnicas de comunicação que Jesus utilizava não eram notícias, porque Ele era a notícia; eram as pessoas que transmitiam a notícia e não transmitiam uma notícia que tinham ouvido, transmitiam sim, uma experiência de vida. Por isso as palavras, os gestos e os métodos que usavam os discípulos tinham o ardor da experiência que convencia os seus ouvintes!

Neste dia, o Santo Padre aconselha-nos a utilizar os novos meios de comunicação social como uma forma eficaz e efectiva para transmitir a Boa Nova a todas as pessoas. Certamente uma das exigências da Nova Evangelização são as formas, meios e métodos novos, porque a notícia não é nova, é a de sempre: é Jesus de Nazaré.

Mas eu perguntava-me: basta utilizar o facebook, o twitter, o ipad ... para comunicar o Evangelho? A minha resposta é não.

Esses métodos são um complemento, um meio importante que chega a muita gente e muito rapidamente. Mas será que transmite o ardor com que narramos a notícia se nós não temos o ardor da vivência com Jesus? Se não estamos convencidos pela nossa própria experiência, se o que

dizemos não é fulcral para a nossa vida? A máquina que utilizamos denuncia-nos ainda que a notícia esteja muito bem estruturada e escrita. A nova evangelização precisa de um novo ardor missionário, de uma vivência diária, de um encontro diário e continuado com a notícia: Jesus de Nazaré.

Necessitamos de ver, ouvir e experimentar o contínuo bater do amor do coração de Jesus, preocupado pelas pessoas que não O conhecem; pelas pessoas que não sabem que há vida abundante; pelas pessoas que não se sentem amadas, perdoadas, por aqueles que pensam que estão órfãos e não conhecem o Pai bom que é Deus. Precisamos que Jesus olhe para nós, olhos nos olhos e nos diga: “Preciso de ti porque o mundo precisa de Mim. Vai por todo o mundo e anuncia o evangelho”!

Quando Jesus deixa a terra onde nós estamos, é para ir preparar o nosso lar, o lugar onde todos podemos entrar, onde viveremos em família, onde seremos irmãos, onde seremos todos iguais, onde não haverá injustiças. O desejo de Jesus é que esse lugar no céu esteja cheio, que não falte ninguém, e é esse o nosso trabalho: enquanto Ele trabalha no céu, nós temos que continuar a percorrer a terra para dar a conhecer esta grande notícia a todos os povos e gentes sem marginalizar ninguém.

Não acham que é uma tarefa maravilhosa e que merece toda a nossa dedicação? É assim, só assim, com esta paixão, que serão eficazes todos e cada um dos meios de comunicação social. Não temos que ter medo de os utilizar, pois assim todos notarão que o que é transmitido é verdadeiro, porque nasce do nosso encontro com Jesus Ressuscitado que nos diz uma e outra vez: “Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a todas as criaturas “.

*Se eu deixar levedar a minha vida com o fermento do Evangelho, será a minha própria vida a falar ao mundo. Terei que fazer como o agricultor que pacientemente prepara o terreno para a sementeira. Leio, escuto, medito, vivo o Evangelho que a Igreja me anuncia em cada dia. Depois, sim! Como uma lente que recolhe os raios do sol e queima tudo o que por ela é atingido, a minha vida incendiará os corações.*

**P. Darci Vilarinho**



## O Espírito Santo capacita-nos a ser comunidade

- Act 2,1-11 «Quando chegou o dia de Pentecostes, os Apóstolos estavam todos reunidos no mesmo lugar. Subitamente, fez-se ouvir, vindo do Céu, um rumor semelhante a forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde se encontravam. Viram então aparecer uma espécie de línguas de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que se exprimissem.» (Act 2,1-4)
- 1 Cor 12,3b-7.12-13
- Salmo 103 (104)
- Jo 20,19-23

«Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se encontravam, com medo dos judeus, veio Jesus, colocou Se no meio deles e disse lhes: "A paz esteja convosco"». (Jo 20, 19)

**O Espírito Santo dá-nos um coração novo que nos permite vencer barreiras, sejam elas quais forem. Unidos pelo espírito somos uma comunidade forte com capacidade de ver mais além e de nos concentrarmos no que é importante.**



Espirito Santo é o tema principal destas leituras. A forma como nos capacita a viver e sermos comunidade fidelizada em Cristo.

Recentemente um amigo, a propósito do chefe no trabalho, dizia-me: “Ele não fala a minha língua”. Outra vez acrescentou: “Ele não está a falar para mim”. Achei as duas expressões engraçadas, mas cruéis. Ambos sabíamos em que língua falavam, mas referiam-se a barreiras mais profundas que se criam. A incapacidade de nos ouvirmos, de nos fazermos entender, mas sobretudo a incapacidade de estarmos disponíveis para comunicar. Creio que era um pouco assim que estavam os discípulos na noite em que o espírito desceu. Já haviam tido a experiência de Cristo ressuscitado, mas faltava-lhes o ímpeto para saírem de casa e irem ao encontro do Mundo. Contar a todos a experiência de amor que haviam presenciado e o que ela representa para a humanidade.

Esta disponibilidade para comunicar, para vencer barreiras, para “falar outras línguas é a atitude do Cristão. Muitas vezes sou eu a fonte de exclusão para mim e para os outros, quando chego a um local e não me apetece conhecer ninguém, achar que não pertença ali, ou que nada de interessante tenho para aprender com os outros. A sociedade não é muito diferente da maneira como trata os idosos, os deficientes, os desempregados, os imigrantes, os desprotegidos em geral... Todos de uma maneira ou de outra criamos guetos nos quais nos fechamos e fechamos os outros. Sim, o gueto também pode estar em mim, quando me fecho. Era assim que se encontravam os apóstolos após a partida do mestre, com as portas da casa trancadas, com medo de serem descobertos, vencidos pelo desânimo. É esta a principal causa das barreiras que se criam. Depois surge a

desconfiança, as divisões, as rivalidades, até entre os crentes.

S.Paulo quando se dirige à comunidade de Coríntio exalta-os a verem mais além, através do Espírito Santo, a perceberem que embora existam diferenças aquilo que os une como membros de um só copo é mais forte. Diz-lhes para se preocuparem com o essencial: “Jesus é o Senhor”. Na forma como nos relacionamos todos os dias falta-nos a consciência desta verdade, acreditar que o outro também é morada do espírito de Deus, que tem uma dignidade inalienável. Que é pequena a diferença entre judeus e gregos, entre um habitante da Capadócia, da Frígida e da Panfília, tudo terras que desconheço, mas sei que os apóstolos ali reunidos naquela noite conseguiram vencer as barreiras da comunicação e falar em cada um destes dialetos. É assim a Igreja Católica: uma comunidade feita de pessoas diferentes mas unidas na pessoa de Jesus. Quando vou à missa num país estrangeiro já me aconteceu não entender quase nada da homilia, mas sei que quando comungo recebo o mesmo corpo de Cristo que os demais. É o ato que mais nos une e que nos coloca a todos num ponto em que todas as barreiras se tornam invisíveis.

## Procuramos longe o que está perto...

*Dizia Jesus: “Onde está o teu tesouro, aí se encontra o teu coração.”.*

*Quantas vezes procuramos angustiosamente fora de nós aquilo que está tão íntimo e próximo! Procuramos longe o que está perto...*

*Porém, o mais extraordinário não é que o homem “busque” Deus, mas que Deus “busque” o ser humano com um desejo ainda maior do que o nosso. Não é esse o grito de desejo e de angústia que encontramos no primeiro livro da Bíblia: “Adão, onde estás?”. Não é Deus que toma a iniciativa de procurar o ser humano que perdeu o seu amor? Não é Deus o Bom Pastor que sai à procura da ovelha que se tresmalhou?*

*Quantas vezes o Evangelho nos revela este profundo desejo?... “Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco”.*

*Digamos, então, a Deus o nosso desejo e deixemos que Ele nos diga o Seu.*

**P. Paulo Araújo in Eklesia (Boletim Paroquial de São Jorge de Arroios, Lisboa) 08.01.2012**

parte II      Repensar juntos a Pastoral  
da Igreja em Portugal



este tempo Pascal, aproveitando o dinamismo de Jesus Ressuscitado, propomos rezar em comunidade, e em comunhão, o tema da Pastoral da Igreja em Portugal.

*“A Conferência Episcopal Portuguesa decidiu promover um caminho para “repensar a pastoral da Igreja em Portugal”, de modo a adequá-la melhor ao mandato recebido de Jesus e às circunstâncias actuais. Como ponto de partida, foi elaborado o documento **“Formação para a missão – formação na missão”**. Nele se aponta este objectivo: “encontrar uma compreensão comum a todas as Igrejas de Portugal dos caminhos da missão e enunciar prioridades de opções e dinâmicas de acção com as quais todas as Dioceses se comprometam”. E refere-se como método a leitura dos “sinais dos tempos”, segundo a perspectiva do Concílio Vaticano II (cf. GS 4 e 11).*

No instrumento de trabalho publicado, está escrito que **é a oração que deve marcar e inspirar este esforço eclesial.**

“Temos todos que perscrutar o Espírito”

“Ensinai-nos, Senhor, o vosso caminho e caminharemos na verdade”

Cada um de nós tem um papel único, original, fundamental. O nosso contributo que poderá, à partida, parecer insignificante ou sem valor, pode marcar a diferença, por isso, deve ser partilhado e posto a render.

*“Não apagueis o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo, Guardai o que é bom” (1 Ts 5, 19-21)*

*“Vivemos, na Europa e também em Portugal, numa sociedade cada vez mais secularizada e, por vezes, secularista, abafando ou denegrindo o valor e a influência pessoal e social*

*da religião, da fé cristã e da Igreja. Conforme a palavra de Deus proclamada pelo profeta, pode dizer-se que as pessoas escolheram confiar no homem e contar somente com a força humana, “afastando o seu coração do Senhor” (Jer 17, 5). Ao mesmo tempo, há sinais evidentes de que persistem nos corações humanos os anseios pela espiritualidade e pela comunhão com o mistério divino. E percebe-se o desafio à Igreja de saber comunicar o Evangelho de modo atractivo como “palavra que dá vida” e “vida em abundância”, e de fazer propostas cativantes que possibilitem matar a sede a quem procura saciar as inquietações do seu espírito pela comunhão com Deus.*

*Toda esta mudança social e cultural e a diminuição da relevância da Igreja constituem um apelo a todos os seus membros, para sermos, como escreveu João Paulo II, “mais humildes e vigilantes na nossa adesão ao Evangelho” (NMI 6). A Igreja em Portugal é assim chamada a viver em atitude de serviço generoso e a ser fermento pela autenticidade das suas propostas e do seu testemunho. Diz alguém: “O mundo é de quem o ama e sabe melhor prová-lo”.*

Nestes 50 anos de presença da Verbum Dei no mundo e na Igreja, queremos relembrar o que é orar neste carisma...

*“Afirmamos que é fazermos experiência de diálogo com o Deus que nos fala – especialmente pelas Escrituras – e que, falando-nos, transforma o nosso modo de pensar, de viver e assim projeta a nossa vida na direcção dos outros. Orar ou não configura-nos de uma forma muito diferente. Rezar dá-nos uma identidade própria e individual. Leva-nos a mostrar a riqueza de sermos imagem de Deus. Incita-nos a imitar Cristo e lança-nos a querermos identificar-nos com Ele.*

*Oramos não só para saber o que Deus nos diz mas, sobretudo, para nos deixarmos convencer por Ele, para assumirmos as Suas palavras e as fazermos nossas, de tal maneira que moldem o nosso modo de pensar e, assim, adquiramos a mentalidade de Cristo. A finalidade da oração é escutar e responder a Deus.*

*Oramos para ter uma fé viva, capaz de alterar a nossa escala de valores. Rezamos para podermos viver contra-corrente, para sermos livres, para assumirmos o Evangelho, para O encarnarmos, para estarmos no mundo sem ser do mundo, para oferecer ao mundo o pensar de Deus.”*

Neste caminho, procuramos fazer um discernimento profundo, mais concretamente, sobre a leitura de fé dos sinais de Deus na sociedade, e sobre os sinais do Espírito Santo na própria vida da Igreja

1. Igreja em Portugal, “que vês na noite” da sociedade em que vives?

Quais os sinais de Deus e os desafios para a tua missão?

O que verdadeiramente precisam as pessoas de hoje, a nível espiritual e humano, e o que podes tu oferecer-lhes?

2. Igreja em Portugal, que indicações ou rumores do Espírito encontras hoje em ti (experiências, carismas, dinamismos existentes...) a apontar te o estilo de vida cristã e a “nova maneira de ser Igreja” adequada aos tempos de hoje?

Que caminhos pastorais te assinalam os sinais e os dons do Espírito para viveres e testemunhares o Evangelho de Cristo?



*Para isso é preciso voltar a anunciar com vigor e alegria o acontecimento da morte e ressurreição de Cristo, coração do cristianismo, fulcro e sustentáculo da nossa fé, alavanca poderosa das nossas certezas, vento impetuoso que varre qualquer medo e indecisão, qualquer dúvida e cálculo humano. A ressurreição de Cristo assegura-nos que nenhuma força adversa poderá jamais destruir a Igreja. Portanto a nossa fé tem fundamento, mas é preciso que esta fé se torne vida em cada um de nós. Assim há um vasto esforço capilar a fazer para que cada cristão se transforme em testemunha capaz de dar conta a todos e sempre da esperança que o anima (cf. 1 Pd 3, 15): só Cristo pode satisfazer plenamente os anseios profundos de cada coração humano e responder às suas questões mais inquietantes acerca do sofrimento, da injustiça e do mal, sobre a morte e a vida do Além.*

*Queridos Irmãos e jovens amigos, Cristo está sempre connosco e caminha sempre com a sua Igreja, acompanha-a e guarda-a, como Ele nos disse: «Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). Nunca duvideis da sua presença! Procurai sempre o Senhor Jesus, cresci na amizade com Ele, comungai-O. Aprendei a ouvir e a conhecer a sua palavra e também a reconhecê-Lo nos pobres. Vivei a vossa vida com alegria e entusiasmo, certos da sua presença e da sua amizade gratuita, generosa, fiel até à morte de cruz. Testemunhai a alegria desta sua presença forte e suave a todos, a começar pelos da vossa idade. Dizei-lhes que é belo ser amigo de Jesus e que vale a pena segui-Lo.*

*Com o vosso entusiasmo, mostrai que, entre tantos modos de viver que hoje o mundo parece oferecer-nos – todos aparentemente do mesmo nível – só seguindo Jesus é que se encontra o verdadeiro sentido da vida e, conseqüentemente, a alegria verdadeira e duradoura.*

*Buscai diariamente a proteção de Maria, a Mãe do Senhor e espelho de toda a santidade. Ela, a Toda Santa, ajudar-vos-á a ser fiéis discípulos do seu Filho Jesus Cristo.*

**HOMILIA DO PAPA BENTO XVI (Terreiro do Paço, Lisboa)  
Terça-feira, 11 de Maio de 2010**

## Sombras que nos desafiam

A Pastoral da Igreja em Portugal (como nos outros países) não pode e não deve ser feita a pensar apenas nas pessoas que se assumem como pertencendo à Igreja, mas a pensar em todas as pessoas.

“E disse-lhes: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura.»” (Mc. 16, 15)

O Amor aos outros (que está implícito em toda a Pastoral) tem que ser fiel à Verdade e atento à realidade.

“Só na verdade é que a caridade refulge e pode ser autenticamente vivida.” (Bento XVI, Caritas in Veritate)

Propomos seguidamente algumas linhas de reflexão, partindo de alguns dos pontos apresentados na secção 1 “Sombras que nos desafiam” do documento “Repensar a Pastoral da Igreja em Portugal”.

- “Sentimento de que Deus não faz parte do horizonte da sociedade actual, que parece construída sem Deus.”

O “mundo” hoje é como o de ontem e o de Jesus. O mundo no tempo de Jesus ou dos profetas não era muito diferente. Muitas das “sombras” descritas nos próximos pontos também estavam presentes no tempo de Jesus. E Jesus propôs mudanças profundas em relação a muitas dessas “sombras”.

“Encontrou no templo os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas nos seus postos. Então, fazendo um chicote de cordas, expulsou-os a todos do templo com as ovelhas e os bois; espalhou as moedas dos cambistas pelo

chão e derrubou-lhes as mesas; e aos que vendiam pombas, disse-lhes: «Tirai isso daqui. Não façais da Casa de meu Pai uma feira.»” (Jo 2, 14-16)

- Como podemos como Igreja e como posso eu pôr em prática os desafios que Jesus nos lança hoje em relação ao “mundo” de hoje

- O que precisamos pedir ao Pai para sermos capazes de pôr em prática esses desafios?

- Falência do modelo socioeconómico vigente no mundo ocidental que originou uma crise ética, financeira e social ... expressa sobretudo no aumento da pobreza, no fosso cada vez maior entre ricos e pobres, no acentuar das injustiças sociais

Não é o modelo socioeconómico do ocidente que originou a crise financeira (veja-se o exemplo da Suécia). Existem aspectos muito positivos do modelo como a democracia e o estado social.

Os problemas começaram a avolumar-se quando se enfraqueceu a componente social (o chamado estado social). Dos países que aplicaram medidas de austeridade Portugal foi aquele em que proporcionalmente foi pedido mais aos pobres do que aos ricos. Este facto agravou ainda mais a nossa situação de país com uma grande desigualdade entre ricos e pobres.

Pode dizer-se que em Portugal a democracia não é nem nunca foi “completa”. Existe uma parte significativa da população que participa muito pouco na vida política, eventualmente por ter pouca formação. Vê-se pouca opinião política nos jornais (comparando com outros países). A força

da opinião pública conseguiu obrigar o governo a mudar decisões (exemplo: a decisão de fazer o aeroporto da Ota) mas são poucos os casos de exercício da democracia pela opinião pública em Portugal.

- “Algumas sombras dispersas: desemprego, endividamento, desigualdades abissais, insegurança, corrupção, culto do ter e aparecer, descomprometimento e abstencionismo dos cidadãos, desejo do sucesso a qualquer preço ...”

Um outro aspecto que falha no modelo que o ocidente tem seguido nas últimas três décadas é advogar-se uma sociedade que deixa cada pessoa por si, em vez de uma sociedade que tenta impor uma distribuição justa dos bens. No primeiro tipo de sociedade os mais fracos ficarão sempre mais fracos e os mais fortes cada vez mais fortes.



“Assim, o princípio da prioridade do trabalho em relação ao capital, é um postulado que pertence à ordem da moral social.” (João Paulo II, *Laborem Exercens*)

“A *Rerum novarum* critica os dois sistemas sociais e económicos: o socialismo e o liberalismo.” Sobre o liberalismo diz-se “quando se aborda o tema dos deveres do Estado. Este não pode limitar-se a «providenciar a favor de uma parte dos cidadãos», isto é, a rica e próspera, nem pode «transcurar a outra», que representa sem dúvida a larga maioria do corpo social; caso contrário, ofende-se a justiça, que quer que se dê a cada um o que lhe pertence. «Todavia, na tutela destes direitos pessoais, tenha-se uma atenção especial com os débeis e os pobres. A classe dos ricos, forte por si mesma, tem menos necessidade de defesa pública; a classe proletária, carente de um apoio próprio, tem uma necessidade especial de o procurar na protecção do Estado.” (João Paulo II, *Centesimus annus*)

"Estas desigualdades injustas, estas massas de miséria que clamam ao céu, são um anti-sinal do nosso cristianismo. Estamos a dizer perante Deus que acreditamos mais nas coisas da terra que na aliança de amor que fizemos com Ele, e pela aliança com Deus devemos sentir-nos irmãos de todos os homens... O homem é tão mais filho de Deus quanto mais irmão se faz dos homens, e é tão menos filho de Deus quanto menos irmão se sente do próximo." (Óscar Romero)

"Quero fazer um pedido aos queridos cristãos: não está proibido que se organizem; é um direito e, em certos momentos, como hoje, é também um dever, porque as reivindicações sociais, políticas têm que ser não de homens isolados, mas que se dê força a um povo que clama unido pelos seus justos direitos. O pecado não é organizar-se; para

um cristão, o pecado é perder a perspectiva de Deus” (Óscar Romero)

- Como podemos, em colectivo, intervir na nossa sociedade para que o Evangelho de Jesus, expresso também na Doutrina Social da Igreja, tenha peso nas decisões de governo do nosso País?

• “Situação das famílias, desintegradas e desestruturadas, desorganizadas e disfuncionais, sem valores e sem capacidade dos transmitir ...”

Muitas pessoas não sabem o que é o amor. Muitas pessoas não são ou não se sabem livres de escolher o estilo de vida.

Construímos uma sociedade em que as pessoas que têm trabalho têm muito trabalho e logo pouco tempo; e cada vez é maior o grupo de pessoas que não tem trabalho. Assim quem tem trabalho não tem tempo para o que o amor exige, e as pessoas que não têm trabalho lutam com circunstâncias de sobrevivência que relegam para segundo plano as exigências do amor. Continuam a existir muitas famílias “normais” e há também cada vez mais capacidade na sociedade de evitar que certas “sombras” fiquem escondidas (exemplos: pedofilia, violência, abusos).

- O que está ao nosso alcance fazer para levar às pessoas à nossa volta o Evangelho do Amor que ensina o que é o verdadeiro Amor e que tanta falta faz às pessoas?

- Como podemos em colectivo intervir, na nossa sociedade para promover que haja trabalho para todos e que os que trabalham tenham mais tempo para as outras dimensões da vida (e logo tenham uma vida com mais qualidade)?

## Luzes de Esperança...

### ...no Mundo

1. Empenhamento cada vez maior em atividades de proteção ambiental, de solidariedade, de voluntariado e de cidadania, em gestos de amor gratuito e sincero.

2. Abertura a espaços de procura do espiritual, sinais evidentes de procura do sagrado, embora de forma difusa e descomprometida, e de uma humanidade que procura novos caminhos identitários onde Deus está presente como horizonte de sentido. Há sinais visíveis do desejo de Deus: fome de verdadeiro amor; busca de sentido da vida; gerações novas que procuram respostas sérias e profundas.

3. Procura sincera da verdade e de uma plataforma de valores universais que permita servir de base à construção de um mundo melhor: dignidade humana, defesa da vida, liberdade, justiça, democracia, bem comum, solidariedade, paz, igualdade, respeito, amor...

4. Maior sensibilidade para problemas humanos e sociais relacionados com pedofilia, violência doméstica, direitos da mulher, direitos humanos, ecologia...



5. Existência e importância das IPSSs, nas suas atividades de carácter social, na partilha de bens alimentares, na reinserção de desempregados, na legalização de emigrantes, no tratamento de repatriados e de sem abrigo, no combate à toxicod dependência e à violência doméstica, na proteção de menores e de jovens em risco, no combate ao analfabetismo pela promoção da escolaridade...

6. Atitudes de escolas e professores que integram nos seus planos valores e atos religiosos aculturados. Salvaguarda dos feriados religiosos. Tolerâncias de ponto relacionadas com a espiritualidade e religiosidade popular.

7. Diversidade de meios de comunicação que podem ser usados para pôr em prática e estimular valores tornando os cidadãos mais ativos e comprometidos.

8. Evolução tecnológica, que pode tornar este mundo numa aldeia global facilitando a comunicação.

9. Ciência e técnica ao serviço do bem-estar das pessoas e da aproximação dos povos, raças, culturas...

10. Famílias com amor à verdade e à liberdade, solidárias e sensíveis à partilha, tendo maior cuidado com os filhos. Aumento da taxa de natalidade.

11. Maior atenção à Doutrina Social da Igreja perante o fracasso neoliberal e o fideísmo no progresso. Apreço dos valores éticos e dos múltiplos serviços sociais da Igreja. Necessidade de completar a justiça com a caridade.

12. Acentuação da componente social e ética de muitas empresas...

13. Surgimento de novos movimentos de espiritualidade.

14. Caminhada de diálogo ecuménico e inter-religioso.

15. Valorização da mulher.

### **...na Igreja Atual**

1. Procura de autenticidade e seriedade que se manifesta no crescente testemunho de cristãos verdadeiramente comprometidos com o Evangelho e com a sua missão no mundo e na Igreja.

2. Igreja que redescobriu na Palavra de Deus a luz nos seus caminhos.

3. Valorização crescente de momentos de verdadeiro encontro com Cristo (na oração, no cuidado com a celebração dos sacramentos).

4. Igreja que se pensa e se programa na lógica da graça e não a partir de uma dimensão meramente operativa e funcional.

5. Igreja cada vez mais atenta aos sinais dos tempos e aberta ao diálogo com o mundo.

6. Procura de pontes de diálogo com a cultura, amando este mundo como Deus o ama. Há uma nova sensibilidade para o património artístico, não só na sua conservação como memória da fé, mas também como meio atual para uma primeira evangelização a esta geração tão aberta à dimensão estética da existência.

7. Esforço sincero de adaptação às novas linguagens e tecnologias e aos novos meios de comunicação.

8. Aumento de carismas e de novas expressões eclesiais.

9. Partilha com os leigos do carisma das congregações religiosas e presença dos consagrados em significativos âmbitos da sociedade.

10. Preocupação em tomar iniciativas e fazer propostas com mais qualidade, competência e beleza do que em fazer mais.

11. Celebrações de acontecimentos eclesiais de grande vitalidade: visita do Papa, Ano Paulino, Ano

Sacerdotal, Jornadas Mundiais da Juventude...

12. Promoção do diálogo ecuménico e inter-religioso.

13. Partilha e solidariedade de pessoas e instituições da Igreja em atitudes e gestos concretos (Cáritas, Comissões Justiça e Paz, movimentos operários, presença no mundo do trabalho e da assistência social, exemplos de economia solidária, instituições paroquiais e diocesanas, institutos religiosos, acções de voluntariado...). Existência de uma rede de acção social bastante alargada na Igreja.

14. Procura de caminhos de inovação (exemplos: renovação do antigo CNMO numa nova Conferência de Movimentos laicais; evangelização pelos media...).

15. Existência de órgãos de colegialidade e participação: sínodos, conselhos.

16. Trabalho em rede, em colaboração, em cooperação, em comunhão.

17. Presença de sinais de Deus no mundo secularizado: santos e mártires; Nossa Senhora e sua mensagem de renovação do mundo pela conversão, concretamente em Fátima...

18. Número crescente de pessoas que frequentam os santuários e que participam em peregrinações e noutras expressões de religiosidade popular das comunidades (procissões, festas...).

19. Emergir de vocações laicais e crescente participação e responsabilização dos leigos na acção da Igreja, sobretudo nas paróquias, não obstante as dificuldades e resistências na abertura a uma intervenção qualificada dos mesmos.

20. Reconhecimento do papel da mulher na vida e nas estruturas da Igreja.

21. Iniciativas de nova evangelização e de formação na missão e para a missão: Nova Evangelização (Lisboa), Missão 2010 (Porto).

## EU TE BENDIGO, Ó PAI, PORQUE REVELASTE ESTAS VERDADES AOS PEQUENINOS

*Mas quem me havia de dizer que o Gregório, aquele sem-abrigo alcoolizado de que a minha família se encarregou há anos, nos havia de trazer Jesus para casa? Foi há mais de um ano que me pareceu que alguma coisa de errado se passava com ele e andava a ver se o agarrava para o levar ao médico. Mas... é o agarras!!! Sempre que lhe falava do assunto desaparecia durante umas semanas. Um dia o meu filho Vicente falou-me e disse-me “mãe, encontrei o Gregório, está mal, vou-to levar”. Daí a um quarto de hora, quando tocaram a porta, abri e vi o Gregório escanzelado à minha frente amparado no Vicente. Quando lhe disse olá, não sei se de aflição, se de doença ou de quê, as calças caíram-lhe e ficou em cuecas ali na entrada. “Entre”. Num instante a Dulce e eu demos-lhe banho e fizemos-lhe a cama onde o deitámos mais morto do que vivo. Veio um médico, pediu análises, e torceu o nariz aos resultados... Quis internamento imediato mas o Gregório teimoso que nem um burro, berrou que não. Era Julho e o médico desapareceu nas estradas do Algarve. Ao fim de dois dias de chá brando com muito açúcar e algum mimo, recobrou forças e abuso, e começou a insultar-nos a todos. Voltou para a pensão de castigo onde o outro meu filho, o Salvador, verdadeiro amigo dele, passou a levar-lhe comida fresquinha dia-sim dia-não. Um dia falou-me da pensão: “mãe, se não vens depressa, o Gregório vai morrer”. Corri, meti-o no carro à força, e levei-o para o hospital. Já não tinha forças para resistir. Nem para andar. Nem para falar. Ao fim de uns dias veio o diagnóstico: cancro de estômago invadindo já todos os órgãos, 3 meses de vida no máximo. Caiu-me a alma aos pés. Encostada a uma parede do hospital chorei. E agora? Com quem iria eu emburrar? Caturrar? Ia-me*

*fazer falta aquele fedor a álcool com que inundava a nossa casa e que me dava azo a ralhar com ele...! Fui ao hospital todas as manhãs porque o pouco que comia era só pela minha mão. Uma manhã levei lá o capelão. Gostou. Um dia estávamos lá o Vicente e eu quando soube que lhe iam dar alta. Sentei-o numa cadeira de rodas e levei-o à Capela agradecer. Estava a começar a Missa. Na altura da Comunhão, perguntei-lhe se queria comungar. “Se a Teresinha for eu também vou”. Comecei a empurrar a cadeira de rodas quando o Vicente me disse: “Mãe, estás doida! Tens a noção de que estamos a assistir a uma 1ª. Comunhão?” “Achas? Olha que beleza! Bora, filho, ajuda!”. Levei-o até Jesus. No fim o Padre Nuno veio dar-lhe uma bênção especial. Arranjámos-lhe uma pensão muito mais perto de nossa casa de maneira que seria fácil levar-lhe a comida e fazer companhia. Do Centro de Saúde da nossa freguesia iriam tratar-lhe da higiene diariamente. Tudo estava preparado para o Gregório ter os seus últimos dias em paz. No dia seguinte fui buscá-lo. Metê-lo no carro foi um filme – não se conseguia pôr de pé. A meio do caminho perguntou-me com uma voz sumida: “afinal vou para a pensão ou para sua*



Estátua em bronze do dinamarquês Jens Galschiøt

Imagem de todoscomabrigo.blogspot.pt

*casa?” “Vai para minha casa, para onde havia você de ir?”. No coração tive a certeza naquele minuto de que teria que ser junto da família que o tinha adoptado e que ele amava e aceitava como sua que teria que morrer. Quando entrei em casa ninguém queria acreditar, não tinha tido tempo de prevenir. Em 24h arranjámos que o Centro de Saúde trocasse as voltas da pensão cá para casa, alugámos uma cama articulada, um colchão anti-escaras, arranjámos fraldas, resguardos, cremes e tudo o que era preciso. De facto, Mateus (25) não mente: “É a Mim que o fazes...” = Jesus estava connosco. Quando veio a chamada para a consulta dos paliativos em regime ambulatorio, o Gregório teimoso como burro velho voltou a dizer que não ia. Apetecia-me matá-lo! Falei para o hospital e daí a 1h falaram-me a dizer que a directora dos serviços paliativos vinha cá fazer uma avaliação. Apareceu, falou com ele muito tempo e quando lhe disse que ele teria que ir à consulta mas que não era para ficar internado, ele declarou “eu não vou, não saio mais daqui, esta é a minha casa”. Pensei que estava a ouvir mal quando a “DIRECTORA DOS CUIDADOS PALIATIVOS DO HOSPITAL DE S JOÃO” lhe disse com voz doce: “então se o Gregório não quer ir, se achar bem - e me permitir - serei eu que virei cá semanalmente” “está bem”, disse ele achando tudo isto a coisa mais normal do mundo. E assim foi. Semanalmente a médica vinha avaliar e ia-me dizendo que realmente não havia mais nada a fazer para além do que estávamos a fazer aqui. Nunca estive cá em casa com ar de servilismo, e nunca nos mostrou que o que estávamos a fazer por ele era “especial”. Ensinou-nos que estar aqui era o natural. E não é verdade? Acolher um irmão em estado terminal abandonado por todos não é o natural para um cristão? Para ele, estava no sítio que lhe competia. Por direito. Fantástico. O seu estado foi-se deteriorando e vomitava muito, mesmo sem comer nem*

beber. O corpo era um monte de ossos. Esteve connosco 2 meses e meio. Por fim as noites eram repartidas entre mim e o Salvador que ficava com ele até às 2h da manhã, ficando depois o resto da noite por minha conta. Às vezes, de tão cansada, não ouvia que me chamava e era o meu marido, doente com demência, “inútil” para o mundo que me chamava “Teresa, olha que o Gregório está a chamar!” Ou: “Teresa, são horas de ires ao Gregório!” Mas... como foi isto possível? As graças choveram em nossa casa. Rezava com ele todos os dias e ele às vezes zangava-se “é só Missas, só Missas!!!”. “Se não gosta, arranje outro sítio” respondia-lhe eu maldosa. Pedi ao Senhor para me dar a graça de estar junto dele na hora em que fosse para o Céu. O estado de fragilidade e de magreza, de fraqueza e de desânimo eram tão grandes que acreditei que ele não aguentaria muito tempo. No dia 8 de Outubro, a meio da tarde enquanto rezava o terço ao pé dele, olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas e disse-me num sussurro: “meu amor, minha flor”. Beleza...! Daí a umas horas entrava numa espécie de apatia. No dia 9 de madrugada, estava na mesma posição em que o tinha deixado uma hora antes, mas sorriu quando lhe dei os bons dias embora já não conseguisse dar-me aquele beijinho tão querido que me enchia de ternura. Eu dava-lhe um na testa de manhã e à noite, e depois aproximava a cara e ele “poisava” lá o dele terno e doce. Olhou fixamente para a janela durante muito tempo como quem se despede do céu – esse tecto que foi o dele durante tantas centenas de noites de rua. Mas estava calmo e mandei um sms à médica a dizer que achava que ele estava outra vez a estabilizar. Tinha-me acostumado a mandar sms à Directora dos Paliativos que me ia aconselhando dia a dia o que fazer. “Não, Teresa, ele está no fim, são as melhoras da morte”. Fiz o almoço sempre de olho nele, e no fim fui pró pé dele rezar. Pareceu-me aflito e dei-lhe a mão. Agarrou-a com força e pregou o seu olhar no meu.

*Nunca o deixei sem esse “porto” que sei que é o nosso olhar nesta hora grande. A ultima vez que respirou foi às 3h da tarde – hora da Misericórdia, num sábado, dia de Nossa Senhora. Foi a fechar-lhe as pálpebras que acabei de rezar o Terço da Misericórdia. Uma paz que não é deste mundo inundou o quarto durante uns breves instantes = exactamente quando o Céu desceu para o vir buscar.*

*Não saiu da sua cama, da sua casa, da sua família adoptiva e adoptada até ir para a Igreja. O Salvador foi ao lado dele no carro funerário. Não passou pela Capela Mortuária. Foi bom tê-lo cá até ao fim dos fins. Quando o vieram buscar fui dar-lhe um último beijinho. E agradei a Deus ter-nos dado o grande privilégio de nos escolher para receber o Gregório em nossa casa.*

**Teresa Olazabal**

## Caminhos para uma nova maneira de ser Igreja

### **EXIGÊNCIA DE FORMAÇÃO CRISTÃ**

Uma formação:

- contínua, sistemática e atualizada
- de qualidade, a todos os níveis (bíblico, teológico, espiritual, pastoral, moral,...)
- que leve as pessoas ao encontro de Jesus Cristo
- na oração e para a oração, ligada à vida
- para a centralidade da Eucaristia
- em perspetiva de conversão interior e de acção no mundo
- baseada na Bíblia e apoiada nos documentos da Igreja
- na missão e para a missão
- que envolve as famílias
- que sensibiliza as comunidades para a atenção aos mais pobres
- que assume a metodologia da leitura dos sinais dos tempos. (...)

### **EMPENHO CRIATIVO, ARDENTE E FRUTUOSO NA NOVA EVANGELIZAÇÃO**

Assumirmo-nos como uma Igreja missionária e evangelizadora.

Tornar visível o testemunho cristão.

Fazer da caridade a prioridade.

Dar prioridade absoluta à intimidade com Deus.

Cuidar da dimensão contemplativa.

Cuidar da qualidade dos sinais, sobretudo na liturgia.

Dar espaço aos movimentos e às novas formas de vida eclesial.

Continuar a perscrutar os sinais dos tempos, em

constante diálogo com o mundo.

Abrir-nos ao mundo da cultura.

Cuidar da linguagem da transmissão da fé.

Aproveitar as novas tecnologias da informação.

Estar presente com qualidade, fidelidade e criatividade no mundo contemporâneo.

Repensar e valorizar as estruturas de acolhimento e de proximidade.

Criar espaços e tempos evangelizadores.

Criar dinâmicas de compromisso.

Dar atenção à universalidade, à interculturalidade e à inter-religiosidade.

### **REORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES CRISTÃS**

Sermos comunidades:

- de irmãos na fé e na missão

- vivas

- fraternas e responsáveis pelos mais pobres.

Reanimar os instrumentos eclesiais de comunhão, co-responsabilidade e participação.

Valorizar:

- o papel dos leigos

- a missão do sacerdote na comunidade

- a família, as comunidades e grupos (revisão de vida, aprofundamento, oração, ...)

Formar equipas de animação pastoral.

Tornar a hierarquia mais próxima e disponível para as pessoas.

Apostar na juventude, nas famílias jovens e na pastoral vocacional.

Criar ministérios de acolhimento e comunicação.

Integrar os divorciados recasados.

Dignificar e promover a mulher; preparar o seu acesso ao diaconado.

## Repensar a Pastoral da Igreja em Portugal

### **Um desafio estimulante e irrecusável**

*Quem, como eu, viveu com entusiasmo as diversas sessões do Congresso Internacional para a Nova Evangelização, nos primeiros anos do milénio, não poderia ficar indiferente ao desafio corajoso da Conferência Episcopal Portuguesa.*

*Achei que era uma oportunidade a não perder, apesar de a minha experiência me dizer que não seria fácil encontrar condições entre os meus pares, para a profunda análise que tal desafio suporia.*

*Na verdade, a super ocupação dos pastores numa pastoral de manutenção que só por si lhes toma todo o tempo, e o protagonismo clerical nestas questões, leva-nos a olhar para este desafio como mais uma sobrecarga pastoral, que não se recusa, mas que fica para melhores dias...*

*Começa aqui, precisamente, a reflexão que devemos fazer. Falando da parte clerical do povo de Deus, entendo que é chegada a altura de passarmos duma conceção piramidal da Igreja (clérigos, religiosos e leigos), a uma conceção sinodal da mesma entendida como o Povo dos Batizados Leigos, Consagrados e Ordenados a trabalhar conjuntamente, na animação cristã da ordem temporal e na edificação do Reino de Deus entre os homens. Só faz sentido falar de batizados ordenados, se a montante houver batizados leigos (a maioria) e consagrados, a dar corpo àquela que, desde Paulo VI até Bento XVI, tem sido referida como a identidade da Igreja: “evan-gelizar”.*

*A nós, pastores, deve mover-nos a certeza de que não se trata duma missão clerical, para nos sobrecarregar mais, mas da vocação duma nova geração de evangelizadores, que*

*já aí está, e que, como dizia Mons. Fisichella aos nossos Bispos nas suas Jornadas Pastorais de junho, “esperam que alguém os convide”.*

### **Refundação da pastoral e não apenas operação cosmética**

*Já depois de ter publicado a minha resposta à Conferência Episcopal, li na segunda conferência de Mons. Fichella, presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização que “vivemos um tempo de grandes desafios, que influem de modo significativo nos comportamentos de gerações inteiras e que se devem ao facto de estar a terminar uma época e a começar uma nova fase da história da humanidade”. Por isso não basta fazer alguns ajustamentos pastorais, ao estilo duma operação cosmética, mas ter a coragem de rever toda a pastoral em diálogo sinodal com seus agentes, numa palavra, com a comunidade eclesial viva e organicamente articulada.*

### **Saltos qualitativos identificados**

*Sem pretender esgotar a realidade pastoral em todas as suas vertentes e carismas, identifiquei 14 saltos qualitativos que devemos empreender e que foram genericamente aceites pelas pessoas que, por escrito, responderam ao texto que lhes mandei, nomeadamente sete Bispos.*

*São estes os saltos qualitativos que proponho: 1. Refundação de toda a nossa pastoral na Palavra de Deus; 2. Passar do protagonismo clerical à participação de todo o Povo de Deus; 3. Acolher e promover a nova geração de evangelizadores; 4. Passar duma mera articulação pastoral, à mobilização de todos os batizados na obra da evangelização; 5. Tomar a família como uma unidade pastoral, a primeira, que configure a «igreja doméstica», como célula de evangelização; 6. Passar da colegialidade piramidal à*

*sinodalidade horizontal; 7. Passar da prioridade da “formação” à prioridade da “iniciação” na missão; 8. Mudar o paradigma da “formação” na preparação dos novos pastores, pelo paradigma evangélico da “iniciação” na mística da evangelização, desperta pelo convívio Jesus e com a sua Palavra; 9. Novo conceito de iniciação cristã, mais abrangente e místico; 10. Novo paradigma de catequese, em que o centro de gravidade deixa de estar nas crianças, para ser colocados nos pais; 11. Passagem duma experiência de fé, entendida como um culto que se pratica, a uma vivência do encontro com Jesus e da integração ativa na comunidade; 12. Passagem duma atividade sociocaritativa, a uma edificação de comunidades eclesiais que assumam a dimensão da «caridade de Cristo que as urge»; 13. Passagem de uma moral que dá prioridade à ética, a uma moral que arranca da vivência mística do encontro com Jesus; 14. Passagem a um novo conceito de Paróquia, como comunidade de batizados a trabalhar conjuntamente sob a batuta do pastor.*



**Padre Carlos Paes, pároco de S. João de Deus, Lisboa, e autor da brochura ‘Repensar a pastoral da Igreja em Portugal’.**

**In "A minha resposta ao desafio da Conferência Episcopal Portuguesa" (Paulinas, 2ª edição - setembro 2011)**

**DISCURSO DO PAPA BENTO XVI  
AOS BISPOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL  
DE PORTUGAL POR OCASIÃO DA VISITA  
«AD LIMINA APOSTOLORUM»**

Sábado, 10 de Novembro de 2007

*Senhor Cardeal Patriarca,  
Amados Bispos portugueses!*

*Sinto grande alegria em receber-vos hoje na Casa de Pedro, pela força de Deus sólido pilar daquela ponte que sois chamados a ser e a estabelecer entre a humanidade e o seu destino supremo, a Santíssima Trindade. Oito anos depois da vossa última Visita ad Limina, encontrais modificado o rosto de Pedro mas não o coração nem os braços que vos acolhem e confirmam na força de Deus que nos sustenta e irmana em Cristo Senhor: «Graça e paz vos sejam dadas em abundância» (1 Ped 1, 2). Com estas palavras de boas-vindas, a todos saúdo, agradecendo ao presidente da Conferência Episcopal, Dom Jorge Ortiga, o esboço feito da vida e situação das vossas dioceses e os devotados sentimentos que me exprimiui em nome de todos e que retribuo com vivo afecto e a certeza das minhas orações por vós e quantos estão confiados à vossa solicitude pastoral.*

*Amados Bispos de Portugal, cruzastes a Porta Santa do Jubileu do ano 2000 à cabeça da peregrinação dos vossos diocesanos, convidando-os a entrar e permanecer em Cristo como a Casa dos seus desejos mais profundos e verdadeiros,*

*ou seja, a Casa de Deus, e a medir até onde já se fizeram realidade tais desejos, isto é, até onde a vida e o ser de cada um encarna o Verbo de Deus, à semelhança de São Paulo que dizia: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gal 2, 20). Indicador concreto dessa encarnação: o transbordar para os outros da vida de Cristo que irrompe em mim. É que «eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe apenas unido a todos aqueles que se tornaram ou hão-de tornar Seus. (...) Tornamo-nos "um só corpo", fundidos todos numa única existência» (Carta enc. Deus caritas est, 14). Este «corpo» de Cristo que abraça a humanidade de todos os tempos e lugares é a Igreja. Prefiguração desta viu-a Santo Ambrósio naquela «terra santa» indicada por Deus a Moisés: «Tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa» (Ex 3, 5); e lá, mais tarde, foi-lhe ordenado: «Tu, porém, permanece aqui comigo» (Dt 6, 31) – ordem esta, que o Santo Bispo de Milão actualiza para os fiéis nestes termos: «Tu permaneces comigo [com Deus], se permaneces na Igreja. (...) Permanece, pois, na Igreja; permanece onde te apareci; aí Eu estou contigo. Onde está a Igreja, aí encontras o ponto de apoio mais firme para a tua mente; onde te apareci na sarça ardente, aí está o alicerce da tua alma. De facto, Eu te apareci na Igreja, como outrora na sarça ardente. Tu és a sarça, Eu o fogo; fogo na sarça, sou Eu na tua carne. Por isso, Eu sou fogo: para te iluminar, para destruir os teus espinhos, os teus pecados, e te manifestar a minha benevolência» (Epistolæ extra collectionem: Ep. 14, 41-42). Estas palavras bem traduzem a vivência e o apelo deixado por Deus aos peregrinos do Grande Jubileu.*

*Neste momento, quero convosco dar graças a Cristo Senhor pela grande misericórdia que usou para com a sua Igreja peregrina em Portugal nos dias do Ano Santo e nos anos sucessivos permeados do mesmo espírito jubilar, que vos fez olhar, sem medo, limitações e falhas que vos deixaram à míngua de pão e tomar o caminho de regresso à Casa do Pai, onde há pão em abundância. De facto, sente-se perdurar o mesmo clima do Jubileu em numerosas iniciativas por vós tomadas nos anos imediatos: o recenseamento geral da prática dominical, o retomar a caminhada sinodal feita ou a fazer, a convocação em mais do que uma diocese da statio eucarística ou da missão geral segundo modalidades novas e antigas, a realização nacional do encontro de movimentos e novas comunidades eclesiais e do congresso da família, a vontade de servir o homem consignada pela Igreja e o Estado numa nova Concordata, a aclamação da santidade exemplar na pessoa de novos Beatos... Neste longo peregrinar, a confissão mais frequente nos lábios dos cristãos foi falta de participação na vida comunitária, propondo-se encontrar novas formas de integração na comunidade. A palavra de ordem era, e é, construir caminhos de comunhão. É preciso mudar o estilo de organização da comunidade eclesial portuguesa e a mentalidade dos seus membros para se ter uma Igreja ao ritmo do Concílio Vaticano II, na qual esteja bem estabelecida a função do clero e do laicado, tendo em conta que todos somos um, desde quando fomos baptizados e integrados na família dos filhos de Deus, e todos somos corresponsáveis pelo crescimento da Igreja.*

*Esta eclesiologia da comunhão na senda do Concílio, à qual a Igreja portuguesa se sente particularmente interpelada na sequência do Grande Jubileu, é, meus amados Irmãos, a rota certa a seguir, sem perder de vista eventuais escolhos tais como o horizontalismo na sua fonte, a democratização na atribuição dos ministérios sacramentais, a equiparação entre a Ordem conferida e serviços emergentes, a discussão sobre qual dos membros da comunidade seja o primeiro (inútil discutir, pois o Senhor Jesus já decidiu que é o último). Com isto não quero dizer que não se deva discutir acerca do recto ordenamento na Igreja e sobre a atribuição das responsabilidades; sempre haverá desequilíbrios, que exigem correcção. Mas tais questões não nos podem distrair da verdadeira missão da Igreja: esta não deve falar primariamente de si mesma, mas de Deus.*

*Os elementos essenciais do conceito cristão de «comunhão» encontram-se neste texto da primeira Carta de São João: «O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão connosco. Quanto à nossa comunhão, ela é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo» (1, 3). Sobressai aqui o ponto de partida da comunhão: está na união de Deus com o homem, que é Cristo em pessoa; o encontro com Cristo cria a comunhão com Ele mesmo e, n'Ele, com o Pai no Espírito Santo. Vemos assim – como escrevi na primeira Encíclica – que, «ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa [Jesus Cristo] que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo» (Deus caritas est, 1); a evangelização da pessoa e das comunidades humanas depende, absolutamente, da existência ou não deste encontro com Jesus Cristo.*

*Sabemos que o primeiro encontro pode revestir-se duma pluralidade de formas, como o demonstram inúmeras vidas de Santos (a apresentação destas faz parte da evangelização, que deve ser acompanhada por modelos de pensamento e de conduta), mas a iniciação cristã da pessoa passa, normalmente, pela Igreja: a presente economia divina da salvação requer a Igreja. À vista da maré crescente de cristãos não praticantes nas vossas dioceses, talvez valha a pena verificardes «a eficácia dos percursos de iniciação actuais, para que o cristão seja ajudado, pela acção educativa das nossas comunidades, a maturar cada vez mais até chegar a assumir na sua vida uma orientação autenticamente eucarística, de tal modo que seja capaz de dar razão da própria esperança de maneira adequada ao nosso tempo» (Exort. ap. pós-sinodal Sacramentum caritatis, 18).*



**Basílica de Fátima**

<http://olhandomundo.wordpress.com/>

*Amados Bispos de Portugal, há quatro semanas encontrastes-vos no Santuário de Fátima com o Cardeal Secretário de Estado que lá enviei como meu Legado Especial no encerramento das celebrações pelos 90 anos das Aparições de Nossa Senhora. Apraz-me pensar em Fátima como escola de fé com a Virgem Maria por Mestra; lá ergueu Ela a sua cátedra para ensinar aos pequenos Videntes e depois às multidões as verdades eternas e a arte de orar, crer e amar. Na atitude humilde de alunos que necessitam de aprender a lição, confiem-se diariamente, a Mestra tão insigne e Mãe do Cristo total, todos e cada um de vós e os sacerdotes vossos directos colaboradores na condução do rebanho, os consagrados e consagradas que antecipam o Céu na terra e os fiéis leigos que moldam a terra à imagem do Céu. Sobre todos implorando, pelo valimento de Nossa Senhora de Fátima, a luz e a força do Espírito, concedo-lhes a minha Bênção Apostólica.*

## Próximas Actividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

- Abr 15** Feira da Primavera (10h-20h Adro da Igreja do Campo Grande)
- Abr 17 a 18** Retiro On-line
- Abr 21** Caminhos.com – 5ª Sessão (Casa da Palavra, 10h30-18h)
- Abr 21** Eucaristia da FaMVD (17h00)
- Abril 28 a 29** 2º Encontro Crisma (Vale de Lobos, 08h30)
- Mai 4 a 6** Retiro de silêncio (Vale de Lobos, 21h00)
- Mai 6** Eucaristia Jovens Fraternos (Paróquia do Campo Grande, 19h15)
- Mai 11** Vigília com Maria (Casa da Palavra, 21h30)
- Mai 12** Encontro de Movimentos "Juntos pela Europa" (Castelo de São Jorge, 10h)
- Mai 19** Caminhos.com – 6ª Sessão (Casa da Palavra, 10h30-18h)
- Mai 19** Eucaristia da FaMVD (Casa da Palavra, 17h00)
- Mai 19 a 20** 4ª Formação – Bíblia (Vale de Lobos, 9h30)
- Mai 20** Encontro de Namorados e Famílias Verbum Dei (Vale de Lobos, 09h30)
- Mai 26 a 27** Feira das Oportunidades (Paróquia do Campo Grande, das 9h30 às 20h30)
- Jun 8** Crisma (19h)
- Jun 9** Festival da Vigararia
- Jun 16** Caminhos.com – 7ª Sessão (Casa da Palavra, 10h30-18h)
- Jun 23 a 24** 5ª Formação – Bíblia (Vale de Lobos, 9h30)
- Jun 24** XVII Festival Diocesano da Canção
- Jun 26 a 28** Retiro On-line

## Próximas Actividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

- Jun 27** Festa de Encerramento dos grupos (Paróquia do Campo Grande, 19h)
- Jun 30** 3º Conselho e Encerramento das Actividades da FaMVD (Vale de Lobos, das 9h30 às 16h30)
- Jun 30** Eucaristia da FaMVD e Votos Perpétuos dos Casais Missionários (Casa da Palavra, 17h00)
- Jul 28 a Ago 4** Retiro Silêncio (Vale de Lobos, 15h00, com Casa da Alegria mas sem colónia)
- Jul 30 a Ago 4** Convenção “50 anos... na tua Palavra” (Espanha)
- Ago 5 a Ago 12** Exercícios Espirituais da Família Verbum Dei - casais (Espanha)
- Ago 6 a Ago 12** Peregrinação a Santiago de Compostela
- Ago 14 a Ago 18** Retiro de silêncio (Loeches, Espanha)
- Ago 25 a 1 Set** Retiro Silêncio (Vale de Lobos, 15h00, com Casa da Alegria e colónia)
- Set 5 a 11** Campo de Trabalho dos Jovens Fraternos (Vale de Lobos)
- Set 21 a 23** Encontro de Animadores dos Grupos de Jovens Fraternos (Vale de Lobos, 21h)
- Set 28 a 30** Retiro de Silêncio (Vale de Lobos, 21h00)

Mais informações e inscrições em  
[www.verbumdei.org](http://www.verbumdei.org)

# Família Missionária Verbum Dei

## Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

## Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

\_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

\_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- \_da oração;
- \_do ministério da Palavra;
- \_do testemunho de vida evangélica.



Família Missionária Verbum Dei

Rua José Lins do Rego, 7 - 1ºdto. 1700-262 Lisboa  
Tel:+351 21 7950957

Vale de Lobos  
Tel: +351 219624284

[www.verbumdei.org/lisboa](http://www.verbumdei.org/lisboa)

[cadernodeoracaovd@gmail.com](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)  
[verbumdeilisboa@gmail.com](mailto:verbumdeilisboa@gmail.com)